

MINAS GERAIS

BOLETIM INFORMATIVO SOBRE  
TECNOLOGIAS SOCIAIS EM  
AGROECOLOGIA  
ANO 1 / EDIÇÃO Nº 7 / MAIO DE 2019



ARTICULAÇÃO  
NACIONAL DE  
AGROECOLOGIA

# Teia AGROECOLÓGICA

Foto: Sylvia Vartuli / ANA



*No Leste de Minas Gerais,  
mesmo em um contexto adverso,  
famílias agricultoras protagonizam  
tecnologia social que envolve a  
produção e a comercialização de  
alimentos agroecológicos*

## Organização e controle social no fortalecimento da agroecologia

Assim como em outras áreas do país, a chamada Revolução Verde<sup>1</sup> causou inúmeros impactos negativos nas comunidades rurais do Leste de Minas Gerais, mesorregião do Rio Doce. Houve perda de saberes tradicionais e de sementes de variedades crioulas, erosão do solo e assoreamento de rios, destruição de nascentes e êxodo rural. Para enfrentar tais dificuldades, a agricultura familiar buscou ao longo dos anos se organizar coletivamente. O Grupo de Produtores (as) Orgânicos (as) de Caratinga (Gpoc) faz parte desse contexto. Foi criado no decorrer de um processo de formação sobre produção e comercialização de alimentos agroecológicos, ocorrido entre 2009 e 2010. Originou-se no interior da Organização do Povo que Luta (OPL), sendo composto por agricultoras e agricultores das comunidades de São João do Jacutinga, Dom Lara e Matinha.

[1] Nome dado ao processo de modernização da agricultura a partir da segunda metade do século XX, baseado na mecanização e no uso intensivo de adubos químicos, agrotóxicos e de sementes "melhoradas".

**O Grupo de Produtores (as) Orgânicos (as) de Caratinga (Gpoc) é composto por 20 integrantes advindos de oito famílias agricultoras. Mas seus participantes entendem que as 60 famílias que formam a Organização do Povo que Luta (OPL) estão a caminho de compor o Grupo, já que a maioria se encontra em processo de transição agroecológica. O Gpoc produz e comercializa em torno de 100 diferentes produtos (*in natura* e minimamente processados). Todos esses alimentos são utilizados na subsistência das famílias e também chegam a canais de comercialização direta, incluindo: feira orgânica, mercados institucionais, como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), e venda de cestas de produtos. São produzidas hortaliças (folhosas, legumes, tubérculos), hortaliças não convencionais (taioba, capiçoba, serralha, ora-pro-nobis), frutas e plantas medicinais. As famílias também trabalham com a criação de aves e peixes, assim como na venda de ovos e leite.**

Criada em 1991, a OPL é fruto da iniciativa de lideranças das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), tendo como objetivos a promoção de conhecimentos e práticas tradicionais de produção e alimentação; o estabelecimento de ações para viabilizar a permanência de agricultoras (es) e das juventudes na roça com qualidade de vida; e a valorização de potencialidades e recursos disponíveis na região. É composta por famílias agricultoras de várias comunidades e já enfrentou diversas lutas políticas. Como parte da OPL, o Grupo resulta de um processo de mobilização social e práticas inovadoras de produção de alimentos.

Em 2013, o Gpoc requereu e conquistou a condição de Organismo de Controle Social (OCS) junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para a produção e comercialização direta de produtos orgânicos. Trata-se do primeiro OCS criado na região e o segundo em Minas Gerais, representando um marco como experiência de agroecologia, produção orgânica e comercialização direta de alimentos pelas próprias famílias agricultoras. Também foi o primeiro OCS a aprovar um projeto junto ao Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).



Agricultoras (es) conseguiram aumentar sua renda em 50% nos últimos três anos

Gpoc produz e comercializa cerca de 100 diferentes tipos de alimentos, dentre eles leite e ovos



Fotos: Sylvianevaruli / ANA

O Grupo trabalha com questões relacionadas à produção e à alimentação, ao meio ambiente, à saúde alternativa e à necessidade de melhorar a renda das famílias agricultoras. Isso em meio a uma realidade de perda de valores e práticas culturais, com o abandono de hábitos alimentares e de espécies nativas, e com o aumento do consumo de produtos ultraprocessados; da substituição de sementes crioulas por sementes híbridas e transgênicas; e de um crescente uso de agrotóxicos na região. Essa situação exigiu construir novos caminhos na produção, no associativismo e nas relações com a sociedade. Mesmo com poucos recursos e diante da falta de apoio do poder público local, as famílias agricultoras se propuseram a construir uma dinâmica organizativa em que pudessem produzir e comercializar alimentos realmente saudáveis.

## As famílias do Grupo

**de Produtores (as) Orgânicos (as) de Caratinga (Gpoc) valorizam dois tipos de “renda”: a primeira tem a ver com a própria alimentação diversificada, a economia com medicamentos por conta da melhoria na saúde, a menor dependência de mercados externos, a diminuição do estresse no trabalho, enfim, com a melhoria na qualidade de vida em geral; e a segunda é a monetária, que vem da comercialização de produtos (a maioria deles é orgânica, mas uma parcela em transição agroecológica, a exemplo do leite entregue à agroindústria). Essa última renda vem crescendo desde que iniciaram ou intensificaram a comercialização direta, seja por meio da feira orgânica ou dos mercados institucionais. Em média, com a produção e a comercialização orgânica de forma organizada, as agricultoras (es) conseguiram aumentar sua renda em 50% nos últimos três anos.**

## TRAJETÓRIA, METODO E AÇÕES

O Gpoc encontrou e enfrentou muitas dificuldades em sua trajetória. Entre as principais, a falta de apoio do poder público local às demandas da agricultura familiar. A comercialização sempre foi um desafio e trouxe diferentes aprendizados para o Grupo. Ao longo de quase 10 anos, um conjunto de ações e metodologias planejadas fez com que o Gpoc avançasse na sua caminhada, o que inclui reuniões e intercâmbios realizados a cada dois meses e em revezamento nas unidades familiares de produção; participação em variados fóruns, conselhos e espaços de debate e construção de políticas públicas, como o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável (CMDRS) e a Comissão de Produção Orgânica do Estado de Minas Gerais (CPOrg-MG); e cuidados ambientais, produção em bases ecológicas e comercialização, com sistemas produtivos diversificados, troca de sementes e mudas, adubação verde, cobertura morta, compostagem, biofertilizantes, recuperação de nascentes, implantação de fossas sépticas, coleta seletiva do lixo etc.

Por meio de projeto aprovado em edital do Ecoforte, foram desenvolvidas atividades de discussão, construção de propostas e acompanhamento das ações do Gpoc no contexto da Rede Agroecológica do Leste de Minas. As

principais reflexões e desafios se referem à ampliação e ao fortalecimento do Grupo, à produção e à comercialização. As ações realizadas permitiram uma abertura de perspectivas e deixaram mais claras as estratégias em relação à dimensão organizativa, ao processo de agregação de novas (os) integrantes, à assistência técnica e às exigências necessárias para se adequarem à legislação de alimentos orgânicos; e às propostas de controle social estabelecidas pelo Gpoc.

## NOVOS DESAFIOS

A Organização do Povo que Luta (OPL) tornou-se uma referência no trabalho com associativismo na região. As famílias agricultoras do Gpoc recebem, por exemplo, visitas de escolas, associações e outros grupos produtivos. Muitas das conquistas ao longo dos anos ocorreram por meio do envolvimento em espaços de construção coletiva e da busca de parcerias afinadas com as ações e as práticas da entidade. É o caso da Rede de Intercâmbio de Tecnologias Alternativas (Rede), que apoia o Grupo desde sua fundação. Recentemente, a partir da eleição de uma nova diretoria, o Sindicato dos Trabalhadores (as) Rurais (STR) de Caratinga também passou a fortalecer a luta em defesa da agroecologia.

Entre os desafios para o futuro está a ampliação do número de participantes no Gpoc. Há novas famílias que desejam produzir em bases agroecológicas, mas muitas delas estão cercadas por propriedades que usam agrotóxicos e contaminam a água, e por isso têm sérias restrições para cumprir as normas da produção orgânica. Esta dificuldade é acentuada pela falta de assistência técnica com enfoque agroecológico. No que se refere à comercialização, o Grupo planeja ampliar a entrega de cestas de alimentos diretamente às consumidoras (es). Outro ponto a ser fortalecido é a implantação de novas tecnologias sustentáveis nas unidades de produção, como o biodigestor, a construção de barraginhas para armazenamento da água da chuva e a captação de energia solar. Em longo prazo, as agricultoras (es) querem desenvolver o turismo agroecológico. Entre tantas ideias, o Gpoc segue acreditando e investindo na troca de experiências e conhecimentos com outras organizações e associações para fortalecer a agricultura familiar e ampliar a agroecologia.

### *As primeiras iniciativas*

**de comercialização do Grupo de Produtores (as) Orgânicos (as) de Caratinga (Gpoc) aconteceram por esforço do agrônomo José Maria Gamarano. Ele reunia os produtos e os oferecia para amigas (os). Muito antes de o Grupo ser credenciado como OCS, uma forma de controle social da produção orgânica estabelecida em lei, José Maria, bastante conhecido em Caratinga, foi a “certificação” que o Gpoc precisava. Foi assim que as famílias agricultoras conquistaram um conjunto de consumidoras (es), que por sua vez trouxeram mais gente. O Grupo também chegou a ter o seu Espaço Orgânico no Mercado Municipal de Caratinga, mas como ficou cercado por bancas que comercializam produtos com venenos, passou a buscar outros locais para escoar seus alimentos (praça, calçadão da cidade, pátio da igreja). No entanto, nunca conseguiu a liberação da prefeitura.**

PARCERIA



APOIO



ISBN 978-85-87116-31-4



9 788587 116314